

CÍRCULOS DE APRENDIZAGEM: INTERNET E O TRABALHO COLABORATIVO¹

Lúcio Jorge Hammes²
Eduardo Garralaga Melgar Junior³
Bento Selau⁴

Resumo: Este artigo é resultado da análise da pesquisa “Capital social e o desenvolvimento sustentável: estado atual e novas perspectivas em Jaguarão, RS”, que visa a avaliar o capital social da comunidade e a identificar perspectivas de desenvolvimento sustentável, tendo as análises como foco a população da cidade de Jaguarão. O texto problematiza a aprendizagem colaborativa mediada pela internet a partir dos resultados da participação no *site* “Capital social e desenvolvimento sustentável”, na perspectiva de construção de círculos de cultura no ciberespaço. Os resultados indicam que é possível visualizar novos espaços de participação que podem se revelar importantes círculos de aprendizagem.

Palavras-chave: Teorias de aprendizagem. Ambiente virtuais. Educação. Capital social.

CIRCLES OF LEARNING: INTERNET AND THE COLLABORATIVE WORK

Abstract: The article “Circles of Learning: Internet and collaborative work” is the result of an analysis of the survey “Social capital and sustainable development: current status and new perspectives on Jaguarão, RS” which aims to assess the community’s social capital and identify prospects for sustainable development and the analysis focuses on the city’s population of Jaguarão. The paper focuses on collaborative learning mediated by the internet from the results of participation in the site

1 O estudo resulta da pesquisa “Capital social e o desenvolvimento sustentável: estado atual e novas perspectivas em Jaguarão, RS”, aprovado pelo CNPq, conforme critérios estabelecidos pelo Edital MCT/CNPq n° 03/2009.

2 Doutor em Educação. Professor Programa de Pós-Graduação em Educação da Unipampa. E-mail: luciojh@gmail.com.

3 Graduado em Pedagogia pela UNIPAMPA – câmpus Jaguarão. Especialista em Mídias da Educação pelo IFSul – Pelotas/RS. Mestre em Educação pela UNIPAMPA. Orientador Educacional de Pelotas/RS. Professor Pesquisador da UAB – UFPEL.

4 Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unipampa. E-mail: bentoselau@gmail.com

“Capital social e desenvolvimento sustentável” with a view to building cultural circles in cyberspace. The results indicate that it is possible to see new spaces for participation that may be relevant learning circles.

Keywords: Theories of learning. Virtual environment. Education. Social capital.

1 INTRODUÇÃO

A multiplicação de fóruns, grupos de discussão e os próprios espaços de aprendizagem organizados para a educação, especialmente na Educação a Distância (EAD), revelam o trabalho em equipe como fundamental na aquisição de conhecimentos. Supera-se o “cada um para si e Deus por todos”, já apregoado como valor na sociedade do indivíduo e da competição, e destacam-se práticas anunciadas como teorias importantes para a formação de pessoas comprometidas com a coletividade. Dentre essas teorias, destacam-se: os círculos de cultura, referência na educação popular de Paulo Freire; sociedade em rede de Manuel Castells (1999) e capital social, anunciado como capital básico para o desenvolvimento social por autores como Putnam (1995), Kliksberg (1999), entre outros.

Os processos, desenvolvidos nos círculos de cultura, favorecem a aquisição de conhecimentos em uma relação de entre-ajuda. Esses processos obtiveram sucesso por Freire na alfabetização de adultos no interior do nordeste brasileiro: “Entre um mês e meio e dois meses, com círculos de cultura funcionando de segunda a sexta (cerca de uma hora e meia) deixávamos grupos de 25 a 30 homens lendo e escrevendo” (FREIRE, 1979, p. 46). Esses círculos encontram sua referência básica no diálogo, entendido como um elemento essencial no processo educativo, e respondem à exigência radical das pessoas que não podem se construir fora da comunicação. Ernani M. Fiori, no prefácio da obra “Pedagogia do Oprimido”, define os círculos de cultura como espaços em que se aprende em “reciprocidade de consciências”, com “um coordenador que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica de grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta ao curso do diálogo” (FREIRE, 1985).

Para Freire, o círculo de cultura é um lugar (debaixo de uma árvore, na sala de uma casa ou na escola) onde um grupo de pessoas se reúne para aprender mais, dialogando sobre seu trabalho, sobre a realidade local e nacional, sua vida familiar etc. No círculo de cultura, os grupos que se reúnem aprendem a ler e escrever, ao mesmo tempo que aprendem a ler (analisar e atuar) sua prática. Nesses círculos não podem existir o professor que tudo sabe, nem o aluno que nada sabe. Tampouco podem existir as lições tradicionais que só vão exercitar a memória dos estudantes.

Na sociedade em rede, Castell (1999) analisa a *era da informação* como um cenário mediado pelas novas tecnologias, que interferem nas estruturas sociais e nos diversos campos das relações humanas. Surgem novas relações, desenvolvidas em novos *círculos de cultura*, com dinâmicas que se aprofundam com as novas tecnologias.

[...] amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. [...] não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia [...]. Segue uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo (CASTELL, 1999, p. 51).

Além disso, o processo de aprendizagem proposto por Freire é aquele em que todos aprendem na comunhão de saberes, na dinâmica dos círculos, no qual o educador é um animador, aquele que ajuda a descobrir e fixar conhecimentos, assumindo a postura de aprender e ensinar, em uma relação dialógica.

Esse processo proposto por Freire pode ser constatado na EAD, que afirma: “para que o processo de aprendizagem seja bem sucedido, é preciso dedicar atenção especial ao desenvolvimento do senso de comunidade com o grupo de participantes” (PALLOFF; PRATT, 1999, s/p), rompendo com o individualismo dos estudos solitários. Em EAD, o ensino e a aprendizagem são colaborativos e os sujeitos, a partir das diferentes ferramentas, constroem estratégias coletivas sobre determinados assuntos. Desenvolvem o conhecimento com práticas pedagógicas colaborativas e não individualistas. É uma proposta diferente das “aulas bancárias”, em que o professor é aquele que sabe e ensina, possibilitando o acesso à palavra e à conscientização. Segundo Freire (2000, p. 30), a aprendizagem em um processo de *empowerment*⁵ dos oprimidos pode desencadear um processo de libertação de todas as pessoas de todas as formas de opressão. Assim, é possível romper com a educação que “fortalece a sua habilidade de colonizar o mundo da vida através da privatização, individualização, racionalização, militarização e profissionalização” (SUMNER, 2000, p. 281).

Da mesma forma, a categoria capital social valoriza as relações horizontais desenvolvidas na convivência social e, conforme Durston (2003, p. 187), contribui para o *empowerment* de pessoas e comunidades, integrando setores sociais e aproximando as oportunidades entre os atores envolvidos. A ênfase, para o autor,

5 Oficialmente, não há o termo “empoderamento” na Língua Portuguesa, que poderia expressar o correspondente inglês *empowerment*, conceito que toma emprestadas noções de diferentes campos de conhecimento e tem suas raízes nas lutas pelos direitos civis (negros, mulheres, estudantes) e na ideologia da “ação social”, presentes nas sociedades dos países desenvolvidos na segunda metade do século XX. Por causa da diversidade de sentidos do termo apoderamento, uso neste texto o termo *empowerment* (original e em grifo), incluindo toda riqueza dessa categoria como a horizontalização, socialização e descentralização do poder entre os cidadãos e o reforço da cidadania. O processo do *empowerment* inclui a conscientização e a participação com determinado grupo ou ao conjunto de uma sociedade, ou seja, a conquista da condição e da capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania. Para Shor e Freire (1986) *empowerment* significa: “A) dar poder a, B) ativar a potencialidade criativa, C) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito, D) dinamizar a potencialidade do sujeito”.

está no grupo (ou comunidade) que propicia o *empowerment* como um processo pelo qual a autoridade e a habilidade são adquiridas, desenvolvidas e facilitadas.

Essa inter-relação entre capital social e *empowerment* pode contribuir para superar problemas, como a situação de pobreza de pessoas e comunidades, transformando as relações de poder em favor daqueles que tinham pouca autoridade para que tenham controle sobre os recursos – físicos, humanos, intelectuais, financeiros e de seu próprio ser – e sobre a ideologia – crenças, valores e atitudes. Segundo Durston (2003, p. 187), os grupos e comunidade que têm considerável reserva de capital social em suas variadas manifestações podem cumprir melhor e mais rapidamente com as condições de *empowerment*. O acesso às redes que transcendem os círculos fechados da comunidade e o capital social comunitário, manifestado em diferentes formas de associativismo, são elementos importantes do *empowerment* das pessoas e das comunidades, de acordo com esse autor.

Com essa perspectiva abre-se um processo que promove a participação das pessoas, organizações e comunidades; amplia o controle dos indivíduos e comunidades sobre a política; facilita o acesso à justiça; a integração comunitária e social. As Tecnologias de Informação e Comunicação podem contribuir, constituindo-se “o principal ingrediente de nossa organização social e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 505).

Os valores culturais são destacados por Kliksberg (1999) como importantes para a construção de capital social. Segundo o autor, se os valores dominantes se concentram no individualismo, indiferença em relação ao outro, falta de responsabilidade coletiva, desinteresse pelo bem-estar geral, o enriquecimento pessoal e o consumismo, pode-se esperar a fragmentação do tecido social, que pode gerar entraves ao desenvolvimento econômico e levar à corrupção geral. Por outro lado, se estimular o cultivo de valores favoráveis à equidade, refletidas no sistema fiscal, serviços de saúde e educação de qualidade, facilita inclusive o progresso econômico e tecnológico. Promover e difundir valores, como a solidariedade, cooperação, responsabilidade de uns pelos outros, cuidado pelo coletivo, superação das discriminações, erradicação da corrupção, superação das desigualdades regionais, atitudes democráticas, podem ajudar no desenvolvimento social, pois “la cultura es el ámbito básico donde una sociedad genera valores y los transmite generacionalmente” (KLIKSBERG, 1999, p. 27).

Esses valores podem produzir, inclusive, resultados econômicos significativos e são estímulo para promover sentimentos de solidariedade e cooperação. O cultivo de valores, por meio da cultura da participação em atividades voluntárias desde cedo, tem peso considerável na aquisição de compromissos cívicos.

Se observa una correlación estadística entre haber actuado en organizaciones en los años jóvenes, y el involucramiento en la sociedad en épocas posteriores. Así, un estudio en EE.UU. evidenció, que quienes fueron miembros de clubes 4H tenían, 25 años después, el doble de probabilidad de estar integrando asociaciones cívicas, que quienes no pasaron por ellos, y una probabilidad cuatro veces mayor, de estar participando en política. Otro estudio sobre graduados de escuelas secundarias mostró que, quince años después, los que

habían participado en actividades extracurriculares en la escuela, tenían mayor probabilidad de estar participando de asociaciones voluntarias. Los valores, y la participación, van moldeando lo que los autores llaman una ‘identidad cívica’ orientada hacia el asumir compromisos con la comunidad, y aportar continuamente a ella (KLIKSBERG, 1999, p. 27)⁶.

Porém, as pesquisas sobre capital social⁷ indicam que, no Brasil, as relações de confiança estão diminuindo, pois os tradicionais espaços de participação (igrejas, clubes esportivos, associações comunitárias) estão tendo pouca acolhida. Por outro lado, surgem novos espaços, especialmente por meio da internet. Esses espaços podem possibilitar a formação de capital social? Anderson e Dron (2012) fazem uma metáfora em relação às tecnologias e a pedagogia, em que “a tecnologia marca o ritmo e cria a música, enquanto a pedagogia define os movimentos”, em uma relação dialógica permanente de conquista de espaços de interação e construção coletiva de estratégias para nossas situações cotidianas.

As tecnologias têm contribuído para aproximar as pessoas e podem ser úteis para que busquem elementos importantes para a resolução de seus conflitos. Em situações colegiadas e “anônimas” há mais disposição para expor ou compartilhar as demandas, conquistas ou frustrações. Na relação dialógica, a partir da interação com o outro, que é o “desconhecido”, é provável que se consiga refletir sobre outras possibilidades de intervenção naquilo que se deseja. Essa forma de aproximação, que substitui muitas vezes os espaços de convivência “físico e ‘real’”, torna os espaços de convívio da internet em espaços reais, de busca de informação, interação e constituição de laços de amizades, em uma importante ferramenta de descoberta e construção de estratégias para o capital social. Nessa autonomia propiciada pelas novas tecnologias é possível afirmar com Freire (1996):

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (p. 67).

6 Kliksberg (1999, p. 27) continua: “en diversos países los voluntarios constituyen un porcentaje significativo de la fuerza de trabajo total del sector social, su actividad es valorizada por toda la sociedad, y se constituye en una posibilidad que puede atraer numerosos jóvenes. Hay amplios contingentes de voluntarios en países, como entre otros, los nórdicos, Canadá, varios países de Europa Occidental, en EE.UU. e Israel. En este último caso, Faigon (1994) indica que un 25% de la población realiza tareas voluntarias de modo regular, particularmente en el campo social, y genera bienes y servicios equivalentes al 8% del Producto Bruto Nacional. Las bases de estos resultados se hallan, según subraya, en la cultura judía que jerarquiza el servicio voluntario a la comunidad como un deber, y en la educación sistemática de valores solidarios en los marcos de la escuela israelí”.

7 Hammes (2005) traz ampla pesquisa com a juventude com a tese de que é possível oferecer uma educação que possibilite a construção de capital social.

Autores como Lima (2009) e Matos (2007) têm problematizado a relação da internet e capital social, destacando que os usuários com acesso à internet estão aumentando no Brasil. Apesar de apenas 20% dos brasileiros participarem do novo ambiente, já é possível perceber o novo cenário. Conforme Lima (2009), há valorização do capital social produzido na internet, pois as comunidades virtuais se destacam pela criatividade e forma de atuação. Surgem pela rede iniciativas que demonstram sua potencialidade para a produção de capital social. Kunsch (*apud* MATOS, 2007) defende a ideia de que, paralelamente aos paradoxos e à complexidade vigente, há aumento significativo de novas organizações, que surgem para atender às crescentes demandas sociais e mercadológicas.

Este artigo problematiza os círculos de cultura como referência de educação emancipadora e como prática na educação moderna, mediada pela internet. Além disso, investiga as possibilidades de construção de capital social com essas pessoas, propondo expandir a produção do conhecimento básico e aplicado sobre capital social, suas formas de construção e vantagens para quem o possui. Procura conhecer a comunidade, relacionando as ações políticas e sociais, tendo em vista a constituição de uma comunidade cidadã, ativa e participativa. Tem como problema básico a pesquisa dos vínculos de confiança existentes na comunidade e apresenta em sua metodologia um espaço de partilha e de construção de vínculos a partir do *site* “Capital social e desenvolvimento sustentável”, buscando ampliar os laços, construir capital social e trabalhar pelo desenvolvimento sustentável da região.

Hoje percebe-se que desde cedo, os jovens se moldam e constroem uma nova cultura e sociedade por meio dos *sites* de relacionamentos ou *smartphones* com acesso a aplicativos diversos. Contribuem para o surgimento de outros valores de interação.

As redes de relacionamento, em princípio, afastam a possibilidade de solidão. Mas quanto mais intensamente os jovens se relacionam dessa maneira, mais sós se sentem e mais receiam ficar sós, o que os leva a aumentar ainda mais a dose de mensagens compulsivamente trocadas pelos computadores, celulares, smartphones e congêneres (SILVA, p. 17)

Se de um lado acompanhamos a diminuição da participação nos espaços tradicionais de interação, percebemos, por outro lado, que novos ambientes estão surgindo, especialmente com o uso da internet como círculos de aprendizagem, podendo inclusive constituir-se em espaços de construção de capital social. A internet muda a maneira de encarar a vida, de se relacionar com as pessoas e de adquirir conhecimentos. Dessa maneira, pode contribuir para aumentar a autoestima e estabelecer relações de confiança, importantes para a construção de capital social. Além disso, pode ser um elo de construção de bases para o desenvolvimento sustentável, revelando novos espaços de construção de saberes.

2 MÉTODO DO TRABALHO

Esta análise tem por base a pesquisa “Capital social e o desenvolvimento sustentável: estado atual e novas perspectivas em Jaguarão, RS”, que propõe expandir a produção do conhecimento básico e aplicado sobre capital social e

desenvolvimento sustentável. Oferece um espaço de partilha e de construção de vínculos a partir do *site* “Capital social e desenvolvimento sustentável”⁸, buscando já ampliar laços, construir capital social e trabalhar pelo desenvolvimento sustentável da região.

As respostas aos questionários sobre capital social e desenvolvimento sustentável, elaborados para o *site*, podem ser úteis para esta análise, tendo como referencial teórico os círculos de aprendizagem. Além disso, a pesquisa prevê entrevistas em profundidade, grupos de foco, diário de campo e análise documental como forma de coleta de dados. Assim, a aprendizagem colaborativa está na origem da pesquisa e perpassa o processo de organização e análise dos dados.

O *site* foi desenvolvido com a tecnologia “google sites”, facilitando a organização e a análise dos dados. Está aberto à comunidade para realizar troca de informações, trabalhar conjuntamente e cultivar relações de confiança. Permite a observação dos acessos e a participação nos formulários de pesquisa sobre temas relacionados ao capital social e ao desenvolvimento sustentável. Além disso, o uso da internet como metodologia de pesquisa ajuda para ter mais “Controle sobre o fluxo de informações, lidar com formações descontínuas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborar em rede, de acordo com suas necessidades” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 12).

A análise da participação dos internautas no *site* organizado para a pesquisa é a base desta reflexão. Busca dialogar com autores que estudam os aprendizados que se desenvolvem no trabalho colaborativo em espaços virtuais de aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos estudos têm destacado a relação entre internet e participação política e social. Nazzari et al. (2007) desenvolvem estudo sobre democracia virtual e capital social em que discutem o papel dos meios de comunicação e questionam sobre a possibilidade desses substituírem o papel desempenhado pelas instituições democráticas clássicas, como os partidos políticos. Afirmam que “a internet contribui para a ampliação do debate político a nível internacional, é o caminho mais acessível e eficiente para indivíduos e grupos participarem de debates emergentes, propiciando ampla discussão de assuntos políticos econômicos e sociais” (p. 89).

Em relação à educação, é possível que se agregue novas tecnologias no fazer docente, promovendo ensino e aprendizagem mais significativos. Nesse sentido, Santos (2007) elenca sete passos da (re)construção do conhecimento:

1. **O sentir** – toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional.
2. **O perceber** – após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber características específicas do que está sendo estudado.
- 3.

8 “Capital social e desenvolvimento sustentável” é um *site* preparado para atender aos objetivos da pesquisa “Capital social e o desenvolvimento sustentável: estado atual e novas perspectivas em Jaguarão, RS”. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/aprendizadosdeconvencia/capital-social>>.

O compreender – é quando se dá a construção do conceito, o que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos conceitos. 4. **O definir** – significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro. 5. **O argumentar** – após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal. 6. **O discutir** – nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio através da argumentação. 7. **O transformar** – o sétimo e último passo da (re) construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção da realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua (SANTOS, 2007, p. 2).

Compreendermos que esses passos (sentir, perceber, compreender, definir, argumentar, discutir e transformar) estão intimamente relacionados com o comportamento das pessoas nos *sites* de relacionamento da internet. Em diferentes ambientes virtuais, sejam eles de interação social ou nos ambiente virtuais de aprendizagens, institucionais ou não, é possível constatar no indivíduo ou grupo os passos sistematizados por Santos (2007).

Especificamente sobre a relação entre capital social e a participação em ambientes virtuais, Ellison et al. (2007) examinam a relação entre o uso do Facebook e a formação *bonding e bridging*, explorando a dimensão de capital social como uma habilidade para estar conectado com membros anteriormente desvinculados da comunidade. A pesquisa é desenvolvida com estudantes e sugere forte relação de *bridging* (capital social). Da mesma perspectiva, Steinfield et al. (2008) desenvolvem a categoria com a autoestima no uso da internet. Sugerem que o Facebook ajuda a reduzir barreiras, favorecendo ótimas experiências, redes heterogêneas que favorecem o desenvolvimento de capital social.

Em relação à aprendizagem colaborativa, somos convidados a refletir sobre os ambientes virtuais, que devem

permitir diferentes estratégias de aprendizagem, não só para adequar ao maior número possível de pessoas, que terão certamente estratégias diferentes, mas também porque as estratégias utilizadas individualmente variam de acordo com fatores como interesse, familiaridade com o conteúdo, estrutura dos conteúdos, motivação e criatividade, entre outros. Além disso, deve proporcionar uma aprendizagem colaborativa, interação, autonomia [...] (MARTINS; CAMPESTRINI, 2004, p. 4).

Stahl et al. (2006) trazem para o debate a Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (CSCL), que estuda como as pessoas podem aprender em grupo com o auxílio do computador. Segundo esses autores, a interação da aprendizagem com a tecnologia revela-se ainda complexa. Reconhecem que a aprendizagem em grupos começou muito antes da CSCL, citando o exemplo dos trabalhos desenvolvidos na educação nos anos 1960, antes do aparecimento dos computadores pessoais interconectados. Porém, a inclusão da colaboração, da mediação pelo computador e da educação a distância problematizou a noção de aprendizagem colaborativa.

Com maior acesso à internet, os círculos de cultura no ciberespaço vão se tornando realidade, como uma metodologia de aprendizagem colaborativa

e contraponto à “educação bancária”, ainda perceptível em alguns espaços de educação formal. Surgem Círculos de cultura da paz, Círculos de cultura contábil, Círculos de alfabetização, entre outros. As pessoas integram grupos e querem aprender e ensinar nos novos espaços que surgem. Talvez esse querer estar em contato faça com que grandes redes sociais, como Orkut e Facebook, tenham sucesso. Segundo Alves, Barros e Okada (2009), os fóruns nos ambientes de aprendizagens colaborativas:

devem ser mecanismos pautados pela liberdade de expressão. Isso faz com que o aluno sinta-se à vontade em participar, entendendo que é um espaço de construção de conhecimento, onde ele pode perguntar, argumentar e até mesmo errar. Devemos encará-lo como os diálogos realizados na sala de aula, onde o professor dispara questões e estimula os alunos a expressarem suas opiniões, corroborando ou contradizendo seus colegas (p. 192).

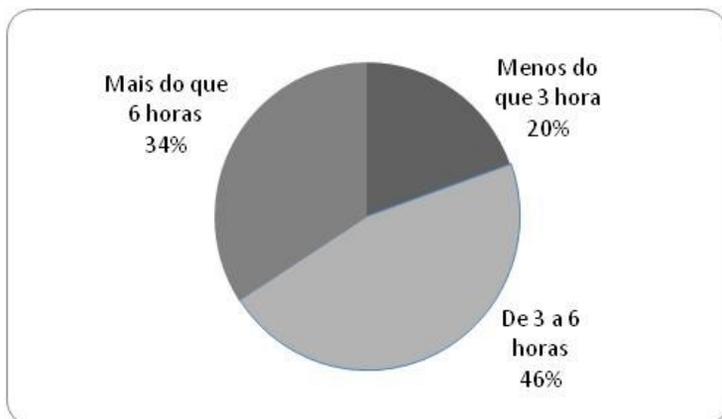
Essa interação dialógica possibilita aos sujeitos relacionar-se de outra forma com as suas proposições. Compreendem que surgem a todo instante outros espaços de relacionamento. Os fóruns são ferramentas importantes de diálogo, auxiliam os sujeitos a sistematizarem determinadas ideias, construir outras, e compreenderem que o diálogo, o respeito, o cuidado com o outro são tão importantes e relevantes, assim como nas relações que transcendem os ambientes virtuais, podendo ser uma metodologia importante na construção de estratégias para fomento do capital social.

A aprendizagem colaborativa também aparece nos resultados da participação dos internautas no site “*Capital social e desenvolvimento sustentável*”, organizado para a pesquisa “Capital social e o desenvolvimento sustentável: estado atual e novas perspectivas em Jaguarão, RS”. As manifestações permitem a análise, tendo como foco os círculos de aprendizagem que se desenvolvem sobre as temáticas, capital social e desenvolvimento sustentável, apresentadas para o estudo.

O site expõe referencial teórico básico sobre capital social e apresenta três questões de pesquisa. Propõe como objetivo conhecer o estoque de capital social da comunidade de Jaguarão.

Em relação ao tempo que permanecem na internet, 46% dos internautas que responderam as questões afirmam que ficam de três a seis horas por dia; 20% ficam menos de três horas por dia, e 34% afirmam que ficam mais de seis horas por dia na internet. Esses dados podem ser observados no Gráfico 1, organizado para esta análise.

Gráfico 1 – Você passa quanto tempo na internet?



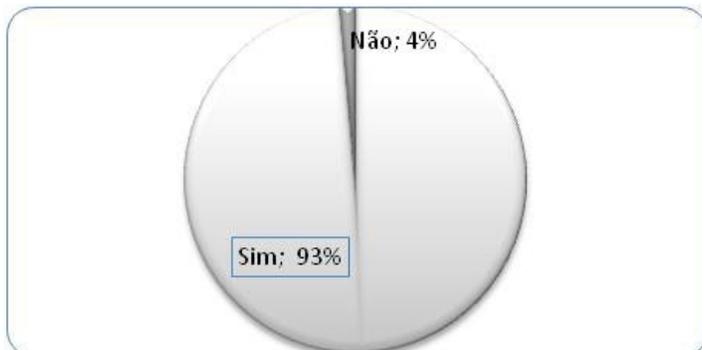
Fonte: Questionário proposto para o site “Capital social e desenvolvimento sustentável”. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/aprendizadosdeconvivencia/capital-social>>. Acesso em: out. 2014.

Já em relação à questão “O que você costuma fazer na internet?”, 50% dos internautas afirmam fazer pesquisas e estudar, enquanto 32% declaram contatar pessoas para interesses profissionais e apenas 18% afirmam contatar amigos e assuntos de interesse particular.

Sobre a importância da internet, questão que aceita múltiplas respostas, 65% dos internautas afirmam que é para capacitação (estudar, pesquisar); 30% respondem que é para encontrar trabalho (contatar empresas, deixar currículo) e apenas 17% declaram que é importante para *conhecer novas pessoas*.

O Gráfico 2 mostra que do conjunto dos que responderam o questionário, 93% afirmaram que a internet pode facilitar o encontro entre as pessoas e apenas 4% disseram que a internet não facilita o encontro entre as pessoas.

Gráfico 2 - A internet pode facilitar o encontro entre as pessoas?



Fonte: Questionário proposto para o site “Capital social e desenvolvimento sustentável”. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/aprendizadosdeconvivencia/capital-social>>. Acesso em: out. 2014.

A visualização do gráfico indica que a internet pode facilitar o encontro entre as pessoas. Porém, há pessoas (4%) que responderam de modo diferente, enviando respostas como: “Às vezes pode prejudicar porque as pessoas não têm mais tempo para sair com os amigos, passear, ir à Igreja”.

A análise dos dados aparece como resultado de enquête proposta no *site*. É um indicativo de que é possível visualizar que os novos espaços de participação podem se revelar como importantes círculos de aprendizagem. Além disso, a “presença dos elementos tecnológicos na sociedade vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construir conhecimentos. Somos hoje praticamente *vividos* pelas novas tecnologias” (NOVA; ALVES, 2002, p. 1).

Esses dados mostram uma mudança de cenário, que sugere avaliações mais profundas, problematizando as situações em vista de ação pertinente para possibilitar ao máximo a participação, aproveitando os novos espaços de interação, tendo como cuidado a forma como nos relacionamos/interagimos, pois “esses sistemas funcionam com o primado fundamental da *interação social*, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizadas para forjar laços sociais” (RECUERO, 2004, p. 3). Vale o alerta: “o desenvolvimento de uma instituição humana não pode ser avaliado de uma semana para a outra, nem de um mês para o outro, e às vezes nem mesmo de um ano para o outro” (PUTNAM, 1995, p. 74).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira análise dos dados do processo de participação no *site* revela que as pessoas querem participar. Ao perceber que indagações lhes são feitas ocupam os espaços que os tornam sujeitos. Além disso, ao participarem contagiam outros a participarem.

Por essa razão, a internet pode contribuir para dinamizar a participação política e social, gerando novas oportunidades para a comunicação, acessando informações rápidas e eficientes em uma espécie de círculo de aprendizagem. Pela sua estrutura, a internet pode ser um meio importante para articular e unir as pessoas, vencendo obstáculos tradicionais, como distância e tempo. Possibilita relações instantâneas entre pessoas de qualquer parte do planeta. Corroborando com Schlemmer (2006), entendemos que

os novos sujeitos da aprendizagem, pessoas nascidas num mundo altamente tecnologizado, em rede, dinâmico, rico em possibilidades de acesso a informação, a comunicação, a interação. Para os ‘Nativos Digitais’ as tecnologias digitais estão sempre presentes, imbricadas nas suas ações, eles vivem e pensam com essas tecnologias. Elas estão na forma como eles se comunicam, se relacionam com os demais sujeitos e com o mundo, fazem parte das experiências construídas no seu viver e conviver (p. 34-35).

Na sociedade contemporânea, há novos apelos e a cada dia surgem desafios novos, exigências do mundo atual. Os espaços de participação tradicional perdem

importância, ao mesmo tempo que outros espaços se abrem, possibilitando novas experiências de vida, espaços de participação, capacitando para viver em sociedade.

Um nível tal de apropriação, de fluência tecnológica digital, que propicie ao sujeito ser um cidadão desse tempo, conferindo-lhe um empoderamento que possibilita exercer a autonomia social e a autoria criativa, num espaço dialógico, cooperativo, perpassado pelo respeito mútuo e pela solidariedade interna. Isso implica em criar espaços onde o outro é reconhecido como legítimo na interação e, portanto, alguém com quem é possível estabelecer uma relação na qual, em diferentes momentos, ambos são co-ensinantes e co-aprendentes, num processo de mediação e intermediação pedagógica múltipla e relacional. O que permite libertar os sujeitos das relações de opressão, num espaço onde por meio de um viver e conviver digital virtual todos se transformam mutuamente nas interações que conduzem ao diálogo autêntico (SCHLEMMER, 2010, p. 10).

Os dados da pesquisa mostram que a sociedade atual passa por mudanças em relação a sua forma de participação, revelando-se ativa nos espaços que se abrem (fóruns, grupos, pesquisas e estudos de grupo), constituindo-se em círculos de aprendizagem. Essa experiência necessita de maior estudo para verificar até que ponto sua contribuição (ou não) pode tornar as pessoas mais integradas e participantes da vida social e política. Espera-se da educação um olhar atento, constatando oportunidades para a formação de pessoas cidadãs, participantes da construção de novos espaços educativos.

O estudo indica que os novos círculos de aprendizagem podem influenciar positivamente as pessoas, contribuindo para o desenvolvimento de aprendizados (que valorizam a participação de todos), tornando as pessoas mais integradas e capacitadas para o desenvolvimento de atividades na sociedade moderna. Por outro lado, embora o avanço das tecnologias possibilite outras formas de relacionamentos em sociedade, precisamos ter presente que:

A tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica [...] o resultado final depende de um complexo padrão interativo [...]. A tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas (CASTELLS, 1999, p. 25).

O debate sobre a aprendizagem colaborativa destaca o processo de educação de Paulo Freire, para quem “ninguém ensina nada a ninguém”. Essa aprendizagem, segundo Gadotti (2001, p. 78), é importante também em relação às novas tecnologias. O mesmo princípio metodológico usado nos anos 1960 vem recebendo destaque com o surgimento da internet, sendo adotado espontaneamente em uma espécie de “círculo de cultura” e, conforme Maturana (1997a, p. 87), “o resultado será uma história de mudanças estruturais mútuas e concordantes, até que a unidade e o meio se desintegram: haverá acoplamento estrutural.”

Durante o Fórum Social Mundial, realizado de 25 a 30 de janeiro de 2001, os círculos de cultura de Paulo Freire fizeram um manifesto em que afirmam o fracasso de dois projetos de sociedade no século passado, em relação ao processo civilizatório: “um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós,

desconsiderando o eu”. Afirmam que, no século XXI, confrontam-se dois projetos antagônicos de sociedade: “um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro, prioriza o social”. Por isso, propõem “construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico”. Um projeto em que todos entendam e aceitem a educação transformadora com o princípio de que “ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”.

Paulo Freire tem rompido fronteiras, e sua obra é reconhecida mundialmente como contribuição ao pensamento pedagógico universal. É referência em relação à educação emancipadora. Segundo Gadotti (2003), “ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas nenhum, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn; BARROS, Daniela; OKADA, Alexandra (Orgs.) **Moodle: Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso**. Salvador: EDUNEB, 2009, 394p.
- ANDERSON, T.; DRON, J. **Três gerações de EAD**. Trad. MATTAR, J. Revista EaD em Foco online. v. 2, n. 1. 2012. Disponível em: <<http://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/viewArticle/162>>. Acesso em: 2 mai. 2014.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- DURSTON, J. Capital social: parte del problema, parte de la solución, su papel en la persistencia y en la superación de la pobreza en América Latina y el Caribe. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (comps.). **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe** : en busca de un nuevo paradigma. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 147-202.
- ELLISON, N. B., STEINFELD, C.; LAMPE, C. (2007). The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 12(4), article 1. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>>. Acesso em mai. 2014.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, M. **Um Legado de Esperança**. São Paulo: Cortez, 2001.

- HAMMES, L. J. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. São Leopoldo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2005.
- KLIKSBERG, B. **Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo**. Revista de la CEPAL. N. 69. Santiago do Chile: CEPAL, dezembro de 1999, p. 85-102.
- LIMA, M. O. C. **A Internet e o Capital Social**. Disponível em <http://wikipos.facasper.com.br/index.php/Relat%C3%B3rio_Comunica%C3%A7%C3%A3o_na_Contemporaneidade>. Acesso em set. 2009.
- MARTINS, Janae Gonçalves; CAMPESTRINI, Bernadette Beber. **Ambiente virtual de aprendizagem favorecendo o processo ensino-aprendizagem em disciplinas na modalidade de educação a distância no ensino superior**. In: CONGRESSO DA ABED, 2004. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2004/>>. Acesso em 15 outubro 2014.
- MATOS, H. **TICs, internet e capital social**. Revista *Líbero*, ano X, n° 20, dez. de 2007. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero_n20.php>. Acesso em set. 2009.
- MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Organização e tradução de Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997a. 350p.
- NAZZARI, R. K.; LAZAROTTO, Elizabeth Maria; BERTOLINI, Geysler Rogis F.; SILVA, J. O.; LODI, Odete. Democracia Virtual e Capital Social: Internet e Comportamento Político. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 6, p. 77-92, 2007.
- NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. **A comunicação Digital e as Novas Perspectivas para a Educação**. Disponível em: <http://lynn.pro.br/pdf/art_redecom.pdf> Acessado em: 14 outubro 2014.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PUTNAM, R. D. **Bowling alone: America's declining social capital**. *Journal of Democracy*. n.º 6:1, p. 65-78, jan. 1995.
- PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. (Trad.: Luiz Alberto Monjardim – trad. de: Making democracy: civic traditions in modern Italy de 1993). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais**. XXVII INTERCOM. Porto Alegre, 2004.
- SANTOS, Júlio César F. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. 2 ed. Porto Alegre, Rio Grande: Editora Mediação Distribuidora e Livraria Ltda, 2007.
- SCHLEMMER, E. Formação de professores na modalidade online: experiências e reflexões sobre a criação de Espaços de Convivência Digitais Virtuais ECODIs. **Em Aberto**. V. 23, p. 99-122, 2010.

SCHLEMMER, E. **O trabalho do professor e as novas tecnologias**. Textual, Porto Alegre v. 1, n. 8p. 33-42, 2006.

SHOR, I.; FREIRE, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Trad. de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Carlos E. L. In MATOS, Heloiza G. **Capital Social e Comunicação**. São Paulo: Ed.Summus 2009.

STAHL, G.; KOSHMANN, T.; SUTHERS, D. **Aprendizagem colaborativa com suporte computacional**: Uma perspectiva histórica. Trad. Hugo Fuks e Tatiana Escovedo. 2006. Disponível em <<http://lilt.ics.hawaii.edu/lilt/papers/2006>>. Acesso em out. 2014.

STEINFIELD, C.; ELLISON, N. B.; LAMPE, C. Social capital, self- esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. **Journal of Applied Developmental Psychology** 29 (2008) 434–445.

SUMNER, Jennifer. Serving the system: a critical theory of distance education. **Open Learning**, v. 15, n. 3, November, p. 267-285, 2000

VEEN, Win & VRAKKING, Bem. **Homo zappiens**: Educando na era digital. Artmed, 2009.